

Lula sem Palocci

Rogério L. Furquim Werneck*

Na semana passada houve dias de grande tensão diante da possibilidade de substituição do ministro da Fazenda. Em meio às tentativas de vislumbrar o que os deuses estariam reservando ao País nessa eventualidade, tornou-se inevitável refletir sobre o significado da possível mudança, com olhos voltados não só para o futuro, mas também para o passado. Como teria sido o governo Lula se não pudesse ter contado com Antonio Palocci no ministério da Fazenda? Não é preciso história contrafactual muito elaborada para concluir que teria sido um completo desastre.

Bem antes do início do governo o ministro já vinha tendo papel crucial. Foi figura-chave na condução da metamorfose por que teve de passar o discurso econômico do PT, no auge da campanha eleitoral de 2002. O partido, que tinha feito do plebiscito da dívida o carro-chefe de sua campanha nas eleições municipais de 2000, viu-se obrigado a se desvencilhar de repente do amontoado de idéias estapafúrdias que vinha defendendo, para convencer o eleitorado de que estava apto a assumir a condução da política econômica.

Ainda falta muito para entender todas as nuances dessa guinada tão brusca. Mas não resta dúvida sobre o papel central que teve o ministro, tanto na mudança de discurso como na suavização da transição do governo FHC para o governo Lula, que marcou o início da reconstrução de confiança que teria continuidade em 2003. Num governo em que se observou lamentável aparelhamento da administração federal, Palocci conseguiu recrutar um quadro de profissionais especialmente competentes para tripular a equipe econômica do ministério da Fazenda e do Banco Central, sem preocupação com filiação partidária. O que lhe foi fundamental para obter os resultados que hoje pode exibir.

Com o benefício da visão retrospectiva e à luz do desempenho que tiveram nos últimos três anos outras figuras proeminentes do partido, que talvez pudessem ter sido incumbidas do papel que afinal coube a Palocci, há boas razões para se crer que dificilmente qualquer uma delas poderia ter enfrentado o mesmo desafio com tão bons resultados.

O que de fato terá o governo Lula a apresentar na área econômica? Em 2003, o rescaldo da desestabilização causada pelo discurso destrambelhado que o PT adotara no passado limitou o crescimento do PIB a 0,5%. Em 2004, contudo, a economia mostrou expansão de 4,9%. A crise política permitindo, o PIB pode vir a crescer cerca de 3,5% este ano e talvez 4,5% em 2006, na esteira da distensão da política monetária.

Nesse cenário, a taxa de crescimento anual média do triênio 2004-2006 atingiria mais de 4%. Não é pouco, especialmente quando combinado com inflação de 5% ao ano, contas fiscais sob controle e contas externas excepcionalmente sólidas. Para não ir mais longe, não se observou nada parecido na economia brasileira nos últimos 25 anos.

Muitos dos críticos que há pouco mais de um ano vaticinavam que a política de Palocci arrastaria o País para o desastre, agarram-se agora ao argumento de que, com condições externas tão favoráveis, o desempenho da economia brasileira poderia ter sido ainda melhor. A verdade, contudo, é que os resultados até agora obtidos parecem surpreendentemente bons, quando se tem em conta que este é um governo que se deu ao luxo de manter o bom senso restrito a parte bastante limitada da administração federal. Basta lembrar o tempo perdido na tentativa de viabilizar um modelo sem pé nem cabeça no setor elétrico, as estrepulias com agências reguladoras, os descaminhos na área ambiental, os delírios do BNDES e a teimosa insistência em fazer aposta tão alta nas problemáticas Parcerias Público-Privadas.

O que é espantoso é que o PT ainda não conseguiu perceber a real extensão do sucesso que o governo Lula vem mostrando na área econômica. Com o partido mergulhado em penosa maré revisionista, boa parte dos petistas parece acreditar que, para que o PT possa voltar a mostrar sua antiga altivez, vai ser necessário rodar o filme inteiro ao contrário. Para se purgar e poder restaurar os padrões éticos perdidos, o partido teria de renegar até mesmo o sucesso do dr. Palocci e voltar a defender propostas despropositadas de política econômica. Seria lamentável para o País, se a reação à crise moral que vive o PT o levasse a tal retrocesso no plano das idéias.

* Rogério L. Furquim Werneck, economista, doutor pela Universidade Harvard, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio.